

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA CINEMATECA EM CHAMAS – HISTÓRIAS DE PROJEÇÃO E PROJECCIONISTAS
3 e 5 de janeiro de 2026

The Addams Family / 1991

(A Família Addams)

Um filme de BARRY SONNENFELD

Realização: Barry Sonnenfeld / *Argumento:* Caroline Thompson, Larry Wilson; com personagens criadas por Charles Addams / *Direção de fotografia:* Owen Roizman / *Direção de arte:* Margie Stone McShirley / *Cenários:* Cheryal Kearney / *Guarda-roupa:* Ruth Meyers / *Música:* Marc Shaiman / *Montagem:* Dede Allen, Jim Miller / *Interpretação:* Anjelica Huston (Morticia Addams), Raul Julia (Gomez Addams), Christopher Lloyd (Fester Addams/ Gordon), Dan Hedaya (Tully Alford), Elizabeth Wilson (Abigail Craven), Judith Malina (avó), Carel Struycken (Lurch), Dana Ivey (Margaret Alford), Paul Benedict (o juiz Womack), Christina Ricci (Wednesday Addams), Jimmy Workman (Pugsley Addams), Christopher Hart (Coisa), John Franklin (Primo Itt), Tony Azito (Digit Addams), Douglas Brian Martin (Dexter Addams), Steven M. Martin (Donald Addams), Allegra Kent (prima Ophelia Addams), Richard Korthaze (Slosh Addams), Ryan Holihan (Lumpy Addams), Maureen Sue Levin (Flora Amor), Darlene Levin (Fauna Amor), Kate McGregor-Stewart (funcionária do centro de emprego), Lela Ivey (Susan Firkins), Whit Flint (Tully), Patty Maloney (Lois Addams), Victoria Hall (a sueca loura), Mercedes McNab (escuteira), Joe Zimmerman (Long Arm Addams), Steve Welles (Fingers Addams), Eugene Jackson (baixista de só braço), Richard Tanner (encantador de cobras), Marc Shaiman (maestro), Jonathan Wee e Owen Morse (malabaristas), Sally Jessy Raphael (ela própria).

Produção: Scott Rudin, Jack Cummins / *Produtoras:* Paramount Pictures, Orion Pictures, Scott Rudin Productions / *Cópia:* 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em sueco, e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 99 minutos / *Estreia em Portugal:* 17 de abril de 1992 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Uma criação de Charles Addams na década de 1930, o golpe de génio no âmago da família Addams é o jogo que se estabelece entre o que esta representa para quem a observa e o modo como os seus membros se veem a si mesmos. Para o juiz Womack ou para os Alford, os Addams são o epitome do “anómalo” – aquilo que se afasta da norma, umas vezes o que é contrário às regras, outras vezes o que é irregular. Os Addams vivem numa mansão desgastada e personificam uma estética e um *ethos* que é uma espécie de *macabro pitoresco*: gostam de armas, instrumentos de tortura, comida cujo aspeto mais se assemelha a entranhas, possuem dobrões em vez do dinheiro habitual e quotidiano, a casa tem passagens secretas aterradoras, as diversões das crianças incluem eletrocutarem-se e um passatempo normal é duas pessoas digladiarem-se com espadas. Isto sem mencionar o facto de, em vez de um cão, terem como criatura de estimação uma mão decepada e com vida (e personalidade) própria – o magnífico efeito especial prático que produz Christopher Hart e a sua mestria na união da dança e da representação, que consegue só com a sua mão –, bem como um mordomo, o Lurch, que se parece com o monstro de Frankenstein. Tudo parece apontar, à superfície, para os ingredientes de um filme de terror. Contudo, aqui entra um jogo de *inversão*. Os Addams veem-se, a si próprios, como pessoas «normais». Retirando os adornos, a mansão que habitam é num subúrbio e a família possui a estrutura convencional de uma qualquer família

americana retratada em filmes e séries desde o pós-guerra: temos o pai, a mãe, um filho rapaz e uma filha rapariga, acrescentando a figura da avó presente no mesmo lar e um tio excêntrico que também faz parte da história.

Esta visão dos Addams como vivendo em completa normalidade está presente em todo o filme, jogando com as noções do espectador do que é espetável. Exemplifica-o a cena em que Wednesday Addams quer electrocutar o irmão Pugsley enquanto a mãe, Morticia, lhes pede para se despacharem, sem os impedir de terminar a brincadeira. Não há nada de assustador para nenhuma das personagens e o momento é-nos apresentado como se fosse apenas mais uma brincadeira de criança, tão inócua como outra qualquer.

O realizador Barry Sonnenfeld apresenta os Addams com o tom original da banda desenhada: a estética macabra é tratada com toda a seriedade, sendo que a comédia surge precisamente desta ideia de *inversão* de expectativas – como a mãe dizer não que a filha *pare* de brincar com a comida, mas *incentivando-a* a fazê-lo, invertendo, portanto, as normas para efeitos cómicos. É uma sátira sem escárnio. A mera existência da personagem Coisa, a mão cheia de personalidade, seria absurda, mas Sonnenfeld trata a sua integração na família – e, até, na sociedade, como quando se torna num pequeno estafeta de correio num escritório – com a maior naturalidade e seriedade. O contraste entre *normal* e *fora-do-comum* é muitas vezes conseguido através da coreografia de *gags* visuais que lembram a comédia *slapstick*. Aliás, o rigor da coreografia sente-se também na composição visual, que se pauta pelos planos simétricos mas dentro do âmbito da *fábula*, reforçando a veia cómica que se revela intemporal.

Em qualquer outro filme, os Addams seriam os vilões – estranhos pais que deixam os filhos brincar com facas e têm um fascínio pela morte –, mas o filme inverte os papéis. O sublinhar das diferenças dos Addams em relação aos outros, bem como o reforçar da sua normalidade perante si mesmos, tem o condão de tornar o *estranho* e o *fora-do-comum* em algo menos assustador. A família Addams existe como elogio à resistência à conformidade e à satisfação em viver uma vida segundo as suas próprias regras. Há algo de terno na forma como abraçam a divergência perante o *status quo* e como isso os coloca em oposição às personagens realmente ruins (por muito que os interesses dos Addams sejam macabros, eles nunca são maldosos).

Um dos melhores truques de magia do filme é a personagem de Margaret Alford. Margaret, outra pessoa cuja «normalidade» contrasta com a singularidade dos Addams, é alguém que começa por os ver como pessoas à margem da sociedade para, depois, passar a pertencer à família, devido ao romance que inicia com o mais fora-do-normal de todos os Addams: o primo Itt, cuja cara desconhecemos por estar totalmente coberto de cabelo. É certo que o *pathos* do filme está centrado na família nuclear e no reencontro de Gomez, Morticia e miúdos com o tio Fester e no desenvolvimento dessa relação. Contudo, Margaret acaba por ter um papel significativo, não na trama, mas enquanto personificação dos temas do filme. A personagem começa como alguém que teme a estranheza da família Addams, até perceber que, por detrás do *macabro pitoresco* que envolve as suas vidas, são, afinal, como outra família qualquer.

Ana Cabral Martins